

Reflexões sobre a tradução de especialidade e possíveis traços feministas em textos sobre Christine de Pizan

Reflections on the translation of specialized texts
and possible feminist traits in texts about Christine de Pizan

Carmem Druciak

Doutora em História pela UFPR e pela Université de Poitiers. Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: carmem.druciak@gmail.com. Orcid: 0000-0003-1384-5080.

Dayane Cristine Cabral Mendes

Graduanda em Letras – Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna – Francês pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista PIBIC/FAPESB. E-mail: dayane.cabral@ufba.br. Orcid: 0009-0000-3143-546X.

Resumo

Este artigo explora os desafios tradutórios e teóricos envolvidos na tradução de textos acadêmicos sobre Christine de Pizan (1365-1430), uma das primeiras mulheres a viver da escrita na medievalidade, destacando-se como voz crítica em um contexto intelectual dominado por homens. Desenvolvido no âmbito do projeto “As Cem Baladas de Christine de Pizan (1399) - Tradução de Textos de Estudo (PIBIC/UFBA-FAPESB, 2024-2025)”, nosso trabalho analisa a tradução de dois artigos acadêmicos em que se nota o uso de estruturas diferentes para marcar o gênero em língua francesa. O estudo reforça a relevância de Pizan como figura precursora na defesa da escrita feminina e a urgência de práticas que reconheçam o papel da tradução na valorização da escrita feminina.

Palavras-chave: Tradução de especialidade. Tradução feminista. Christine de Pizan

Abstract

This article explores the translation and theoretical challenges involved in translating academic texts about Christine de Pizan (1365-1430), one of the first women to live from writing in medieval times, standing out as a critical voice in an intellectual context dominated by men. Developed in the project “As Cem Baladas de Christine de Pizan (1399) - Translation of Academic Articles (PIBIC/UFBA-FAPESB, 2024-2025)”, our work analyzes the translation of two academic articles in which it is noted the use of different structures to mark the gender in French language. The study reinforces the relevance of Pizan as a precursor figure in the defense of women’s writing and the urgency of practices that recognize the role of translation in valuing female writing.

Keywords: Translation of specialty. Feminist translation. Christine de Pizan.

Artigo recebido em 14.05.2025 e aceito em 19.02.2026.

*Eu CANTO porque o instante existe e a minha vida
está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou
poeta.
Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem
tormento. Atravesso noites e dias no
vento.
Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me
desfaço, — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo. Tem sangue
eterno a asa ritmada. É um dia sei que estarei
mudo: — mais nada.
Cecília Meireles, Motivo, 1938*

1. Introdução

O fazer poético de uma mulher de letras do medievo francês, Christine de Pizan (1365-1430), ainda interpela quando, ao nos depararmos com a clareza de propósito de sua escrita, faz-nos lembrar de outras tantas vozes que surgiram ao longo dos séculos depois dela. Dentre essas vozes, a de Cecília Meireles, que ilustra nossa epígrafe: ainda que estejam silenciadas pelo tempo, ficaram suas obras, em que a *canção é tudo e tem sangue eterno*, ou seja, ainda vivem. Obras de *poetas* que souberam cantar a ponto de motivar a tradução de seus versos e de suas considerações, tão relevantes em tempos em que ainda precisamos, enquanto mulheres, marcar posição no campo das letras e em outros tantos.

Este artigo foi desenvolvido como uma das etapas do trabalho de pesquisa “As Cem Baladas de Christine de Pizan (1399) - Tradução de Textos de Estudo”, realizado na Universidade Federal da Bahia por parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/2024-2025) em conjunto com a Fundação FAPESB, já finalizado. A proposta geral do projeto consiste em traduzir e apresentar, em publicações e eventos acadêmicos, textos inéditos do francês para o português (poemas líricos, das *Cent Balades*, e textos acadêmicos) sobre a obra de autoria de Christine de Pizan, intelectual que discutiu, já em seu contexto, na França, durante os reinados de Charles V (1364-1380) e Charles VI (1380-1422), a condição da mulher e a atividade escrita produzida por ela em uma sociedade misógina¹. As questões levantadas pela autora medieval propiciam uma reflexão relevante em nossa contemporaneidade, visto que o trabalho

¹ Georges Duby, medievalista francês, em *Idade Média, Idade dos Homens*, edição de 2011, em língua portuguesa, e em *História das Mulheres*, traduzida para o português em 1993, aponta para uma organização social, do século IX ao início do século XV, em que a primazia era dada aos homens, em vários âmbitos, relegando à mulher um papel doméstico e submisso, atribuindo a ela a origem do pecado no mundo, com exceção da Virgem Maria, que era exemplar.

científico realizado por mulheres ainda carece de reconhecimento e valorização social.

Ressalte-se que Christine de Pizan foi favorecida por relações familiares (na infância da autora, o pai fora chamado da região de Veneza, na península itálica, para compor o corpo médico de Charles V e o marido, a quem foi dada em casamento aos quinze anos, foi um dos secretários do reino) que deram a ela educação letrada e acesso a obras que lhe conferiram uma erudição singular para uma mulher daquele período. Christine de Pizan é estudada por sua obra filosófica, literária, historiográfica e política, muito embora seja sua obra *A Cidade das Damas*, compêndio de mulheres ilustres cuja vida inspira a autora a fazer a defesa de seu sexo, o objeto mais recorrente nos estudos christinianos.²

Neste artigo, trataremos da parte do projeto que se ocupa da tradução do francês para o português de dois textos de especialidade, artigos científicos sobre Christine de Pizan: o primeiro de James Laidlaw, “*L’unité des Cent Balades*” capítulo de um grande volume das Edições de Gruyter, organizado por Margarete Zimmermann e Dina De Rentiis, publicado em 1994; o segundo, de Estelle Doudet, “*Christine de Pizan et l’orateur au féminin au XV^e siècle*”, publicado no periódico *Fabula*, em 2019.

Ainda que tratemos de textos de especialidade em que o que se veicula, ou seja, em que o conteúdo seria o mais importante, veremos que a língua, o estilo e algumas escolhas dos autores dos textos de partida nos fizeram perceber o quanto ainda fica à tradutora ou ao tradutor trabalhar, a depender do projeto de tradução que sustenta a atividade tradutória. Dizemos isso, pois há sutilezas, marcas temporais e até mesmo posicionamentos políticos que levaram a certas reflexões a serem consideradas na experiência tradutória.

Dentre essas reflexões, dialogamos com as teorias da tradução feminista que, na década de 80, ganharam força no Canadá, como uma resposta crítica à noção de que a tradução deveria ser “neutra” e que o sujeito feminino na língua deva continuar invisibilizado³. A ideia das teóricas é principalmente desconstruir

² Há vários estudos sobre Christine de Pizan, dentre eles, destacamos as obras de Charity Cannon Willard, *Christine de Pizan: Her Life and Works*, de 1984; Françoise Autrand, *Christine de Pizan, une Femme en politique*, de 2009; Charlotte Cooper-Davis, *Christine de Pizan, Life, Work, Legacy*, de 2021 e a apresentação e tradução para o português de *A Cidade das Damas*, de Luciana Eleonora de Freitas Calado, de 2012. Para um levantamento dos estudos sobre Christine de Pizan, sugere-se o site de referência *Arlima*, Archives de littérature du Moyen Âge.

³ Dentre as obras que nos detiveram sobre o debate da língua francesa como muito marcadamente masculina e que chamam a atenção para a invisibilidade do gênero feminino, estão a de Éliane Viennot, *Non, le masculin ne l'emporte pas sur le féminin! : petite histoire des résistances de la*

padrões patriarcais da linguagem e defender a tradução como uma forma de luta política. Entre as suas principais estratégias estariam, como sugere Luise von Flotow: a suplementação (tornando explícito o gênero em contextos em que este costuma ser apagado), o acréscimo de notas de rodapé e a redação de um prefácio crítico, e o sequestro (*hijacking*), este como estratégia bastante radical para que o feminino apareça nas traduções de modo indiscutível:

Tomei o termo “sequestro” de um crítico da tradução feminista, um jornalista de Montreal (um tradutor), que ataca Susanne de Lotbinière-Harwood por sua excessiva interferência na tradução de *Lettres d’une autre*, de Lise Gauvin [...]: Ele ainda critica o trabalho pelas excessivas notas de rodapé e estreita abordagem didática. Na sua visão, o livro de Gauvin tornou-se um “manual informal sobre a cultura contemporânea do Quebec” e foi ideologicamente “corrigido” (isto é, feminizado), para além da intenção original da autora⁴.

As considerações das teorias feministas na tradução auxiliaram nosso trabalho tradutório principalmente na escolha de um vocabulário que tornasse explícita a importância do sexo feminino, tão caro a Christine de Pizan. E, para além disso, tratando no texto de chegada, como veremos, essas escolhas passaram por considerar de que forma, em língua portuguesa, essas questões representaram também um posicionamento político no que se refere, por exemplo, à escolha do vocábulo *poeta*, comum de dois gêneros em língua portuguesa.

Outro princípio norteador para o trabalho tradutório realizado com os textos de especialidade é o que nos diz Antoine Berman na obra *A Tradução e a Letra*⁵, cuja tradução para o português, do ano de 2013, foi realizada por Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Mauri Furlan, que a experiência tradutória deve ser uma prática reflexiva. É sobre isso que discutiremos nas linhas que seguem.

2. A Experiência da tradução e a questão do feminino

Em *A tradução e a Letra*, Antoine Berman descreve uma nova disciplina dentro da tradução chamada *Tradutologia* e que tem como base o pensamento filosófico do ato de traduzir. A experiência da tradução produz uma reflexão sobre

langue française, de 2017 e de Danièle Manesse et Gilles Siouffi, *Le féminin et le masculin dans la langue*, L’écriture inclusive en questions, de 2019.

⁴ Luise von Flotow, “Tradução feminista: contextos, práticas e teorias”, [1991] 2021, p. 492-511.

⁵ Antoine Berman, “A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo”, 2013.

a própria atividade tradutória e, a partir disso, o tradutor é capaz de unir crítica à tradução, transmitindo esse saber para todos que estão nesse espaço.

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo saber, um saber sui generis. A tradução não é nem uma sublitteratura (como acreditava-se no século XVI), nem uma subcrítica (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma linguística ou uma poética aplicadas (como acredita-se no século XX). A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio. Mas a tradução (quase) nunca considerou sua experiência como uma palavra inteira e autônoma, como o fez (ao menos desde o Romantismo) a literatura⁶.

Refletindo sobre a experiência tradutória, o processo de tradução de textos de estudo apresenta desafios que vão além do conhecimento linguístico e que fazem com que a tradutora e o tradutor passem a refletir para além das dificuldades técnicas do texto. A crítica desenvolvida neste trabalho, a partir desse processo, é especialmente sobre gênero e autoria feminina dentro de um âmbito por vezes mais masculino e em uma língua que carrega traços patriarcais nas suas estruturas morfossintáticas e lexicais.

Em nossa proposta de estudo, consideramos a tradução feminista como uma prática que transcende a mera transposição linguística, assumindo um caráter político e criativo. Sob essa ótica, a tradução não é neutra, mas um ato crítico que desafia representações hegemônicas de gênero, reconfigurando a recepção de textos escritos por mulheres⁷. A tradutora, ao se posicionar diante de questões identitárias e de poder, torna-se uma agente ativa na desconstrução de estereótipos e na valorização de narrativas marginalizadas, conforme destacado por Susanne de Lotbinière-Harwood.

A obra *Re-belle et infidèle* de Lotbinière-Harwood⁸ é um marco teórico ao propor a tradução como uma "reescrita no feminino", na qual a fidelidade ao texto de partida é subordinada a um compromisso político com a visão feminista. A autora defende estratégias tradutórias que incluem a apropriação criativa de metáforas, a exposição de silêncios e a invenção lexical para expressar experiências femininas ausentes na linguagem dominante⁹. Essa abordagem ecoa a noção de "continuidade da vida do texto"¹⁰ mas com um viés emancipatório,

⁶ *Idem*, p. 23

⁷ Luise von Flotow, *Op. Cit.*, 2011, p. 206 e seguintes.

⁸ Susanne Lotbinière-Harwood, *Re-belle et Infidèle: La Traduction comme Pratique de réécriture au féminin*, 1991.

⁹ *Ibidem*, p. 22.

¹⁰ Carnem L. Druciak, A tradução como "continuidade da vida" das Cent Ballades de Christine de Pizan, *Revista Graphos*, Edição Especial, 2025.

assegurando que obras literárias femininas, historicamente negligenciadas, adquiram nova relevância em diferentes contextos culturais.

Acreditamos que, como aponta Lotbinière-Harwood ao retomar Évelyne Voldeng, a tradução dá espaço, felizmente, a traços que podem ser deixados pela tradutora, frutos de sua própria subjetividade:

A definição de Voldeng se baseia sobre dois elementos que estimo serem fundamentais: 1) a presença de um sujeito que traduz e que cumpre o ato de leitura e de reescrita, e 2) um lugar de passagem, o espaço-entre-duas-línguas de onde fala o sujeito que traduz. É válido fazer uma imagem de si nesse lugar quando se traduz. O texto traduzido é produto de nossa subjetividade em ação em circunstâncias materiais precisas; tal exercício de visualização ajuda a ancorar melhor nossa voz no interior de nosso corpo, a situá-la em e segundo os contextos¹¹.

Aqui, podemos perceber que Lotbinière-Harwood enfatiza o papel da tradutora como um agente ativo, aquela que traduz, cuja subjetividade se inscreve no espaço liminar entre línguas. Esse posicionamento ressalta o caráter ativo da tradutora, que não apenas interpreta, mas também reconfigura o texto, deixando marcas de sua própria voz e contexto.¹² Essa perspectiva corrobora a ideia de que a tradução é uma atividade de poder, em que hierarquias linguísticas e culturais podem ser contestadas.

A tradução feminista, portanto, não se limita a um exercício técnico, mas constitui um ato de resistência que amplifica vozes silenciadas e desafia estruturas patriarcais inscritas na linguagem. Como demonstra o excerto, a análise das escolhas tradutórias revela não apenas interpretações textuais, mas também o engajamento político da tradutora. Nesse sentido, obras como a de Lotbinière-Harwood permanecem fundamentais para repensar a tradução como prática de resistência, especialmente em um cenário global que ainda marginaliza produções literárias femininas e que requerem aprofundamento no meio acadêmico brasileiro.

Traduzir, portanto, o texto “*L’unité des Cent Balades*” de James Cameron Laidlaw gerou uma série de pensamentos quanto às questões de gênero e de visibilidade feminina no âmbito da escrita. O estudo de Laidlaw analisa a sequência de poemas que fazem parte de uma das primeiras obras de Christine

¹¹ « La définition de Voldeng repose sur deux éléments que j'estime fondamentaux : 1) la présence d'un sujet traduisant qui accomplit l'acte de lecture et de réécriture, et 2) un lieu de passage, l'espace-entre-deux-langues d'où parle ce sujet traduisant. Il est utile de se faire une image de soi dans ce lieu lorsqu'on traduit. Le texte traduit étant le produit de notre subjectivité en action dans des circonstances matérielles précises, un tel exercice de visualisation aide à mieux ancrer notre voix à l'intérieur de notre corps, à la situer dans et selon les contextes ». Susanne Lotbinière-Harwood. *Op. Cit.*, 1991, p. 26. Tradução nossa.

¹² *Ibidem*, p. 12.

de Pizan, as *Cem Baladas*, coletânea sobre temas diversos que fez com que Christine adentrasse ao mundo das letras financiada por nobres após a morte do esposo. Os termos escolhidos utilizam o gênero masculino para se referir à autora, como por exemplo, *le poète, un poète*. Esse ponto não abre só uma discussão quanto à escolha do autor do artigo em si, mas quanto à própria língua francesa, como veremos adiante.

Vale ressaltar que, mesmo no fim da Idade Média, a sociedade era profundamente patriarcal, com funções de gênero bem rígidas. As mulheres geralmente ficavam restritas ao ambiente doméstico e eram definidas por seus laços com os homens, como filhas, esposas ou mães. Sua educação era bastante restrita e o envolvimento em atividades intelectuais ou artísticas em espaços públicos era muitas vezes desestimulado ou até proibido¹³.

A imagem do poeta como uma figura masculina está, pode-se dizer, associada a essa primazia, pois a ideia de poeta estava ligada a características tradicionalmente vistas como masculinas, como inteligência, poder de persuasão, discurso público e, em alguns contextos, até coragem (como no caso dos trovadores que celebravam atos heroicos). As mulheres dificilmente eram reconhecidas ou representadas nesses espaços, já que as barreiras educacionais e culturais legavam às mulheres muito menos acesso à educação formal e à cultura letrada. A produção poética exigia um certo grau de estudo, domínio da linguagem, conhecimento de retórica e de formas literárias, privilégios que eram, em grande parte, reservados aos homens¹⁴.

A escrita de expressão literária era preservada e transmitida principalmente por figuras masculinas, como clérigos, eruditos e trovadores. Por sua vez, as vozes femininas tinham poucas chances de serem registradas, difundidas ou valorizadas como parte dessa tradição, com exceção das *trobairitz*¹⁵, que, hoje, através de diversos estudos compõem o objeto de pesquisas tanto na área da História literária, quanto dos Estudos de gênero.

¹³ Georges Duby, 1988, *Op. Cit.*, p. 110 e seg.

¹⁴ É válido dizer que houve mulheres muito atuantes durante toda a Idade Média, claro. Podemos elencar algumas, rapidamente, para que fique aqui registrada sua importância e relevância para os Estudos feministas que se ocupam da medievalidade: Héloïse (c. 1090-1164); Hildegarda de Bingen (c. 1098-1179); Aliénor d'Aquitaine (c.1122-1204); Herrad de Landsberg (c. 1130-1195). Para aprofundar a discussão, ver, por exemplo, a reunião de textos proposta por André da Silva Bueno, Carolina Coelho Fortes e Wendel dos Reis Veloso, *Gênero e Sexualidade na Idade Média*, de 2024, e os verbetes do *Dicionário analítico do Ocidente medieval*, Masculino/feminino e Sexualidade.

¹⁵ Cabe destacar que, no sul da França do século XII, existiram mulheres trovadoras, chamadas *trobairitz*. Elas compunham e cantavam poesia lírica, especialmente sobre o amor cortês. No entanto, sua atuação foi restrita no tempo e no espaço, e suas obras nem sempre foram

Com o tempo, à medida que as visões sobre o lugar da mulher na sociedade foram mudando, o aparecimento de mais escritoras e poetisas e o uso do termo *poétesse* (poetisa) questionaram a exclusividade masculina da palavra *poète*. Ainda assim, por muito tempo, a quase ausência de mulheres no cenário público da poesia fez com que o termo fosse automaticamente associado ao gênero masculino. A própria Christine não emprega o termo *poétesse* para marcar o fazer poético pelas mãos de uma mulher, porém, na querela do *Romance da Rosa*, fez questão de corrigir Pierre Col, secretário da chancelaria real, quando ele empregou o pronome masculino plural *ils* para se referir às mulheres.¹⁶

A tradução, como processo de comunicação cultural e linguística, nunca é neutra, já que por trás de cada uma delas, há escolhas relacionadas a palavras, estruturas e contextos que podem influenciar a maneira como os leitores percebem uma cultura, uma autora ou um autor e até mesmo as relações de poder entre os gêneros. A tradução feminista reconheceria, portanto, o papel ativo da tradutora como sujeito político, buscando desconstruir os vieses sexistas presentes nos textos de partida e suas traduções.

Cada estratégia é uma ferramenta para tornar visíveis os compromissos da tradução feminista, não se limitando aos aspectos de vocabulário, mas também promovendo reflexões sobre como o texto pode ser mais sensível à questão da igualdade de gênero no campo literário mais amplo.

3. *Poète e poétesse* na tradução para o português

Quando James Cameron Laidlaw utiliza, por exemplo, o termo *poète* antecedido do artigo no masculino para se referir a Christine (*le poète*), reforça a sensação de apagamento quanto à autoridade feminina dela dentro de uma realidade em que apenas homens obtiveram prestígio e reconhecimento.

incorporadas ao cânone literário dominado por homens (ver os verbetes *trobairitz* da Enciclopédia on-line Occitanica).

¹⁶ Note-se que se trata da primeira querela literária conhecida na França e que se deu entre 1401 e 1405. O *Romance da Rosa*, obra escrita no século XIII, por Guillaume de Lorris e continuada por Jean de Meun quarenta anos depois da primeira parte, foi objeto de uma troca de correspondências entre eruditos da época, sendo sobre a continuação a carta de Christine de Pizan a um dos secretários do reino, Jean de Montreuil, conferindo à obra e a seu autor traços marcadamente imorais, obscenos e misóginos. No debate, se envolveram ainda Gontier Col, outro secretário do reino e os clérigos, Pierre Col e Jean Gerson, este favorável aos argumentos de Christine de Pizan (ver Virginie Greene, « Le débat sur le *Roman de la Rose* », *Cahiers de recherches médiévales*). Em uma de suas cartas, Christine de Pizan retoma a frase com o pronome feminino no plural: « il semble qu'elles se tiendraient coupables des vices que le Jaloux récite... » (ver Eliane Viennot. *Non, le masculin ne l'emporte pas sur le féminin ! Petite histoire des résistances de la langue française*. Ed. iXe, e-book, 2017).

Christine de Pizan foi uma das primeiras mulheres a viver da sua escrita na Idade Média e, ao longo de sua vida, estabeleceu-se como uma defensora da voz feminina no campo dos saberes. Poderia haver outra maneira de nos referirmos a Christine senão com os termos femininos?

Dentro da perspectiva técnica, o francês, como outras línguas latinas, tem um sistema gramatical de gêneros, em que substantivos, adjetivos e artigos podem ser masculinos ou femininos, contudo, para além de sua gramática, carrega, em sua estrutura, marcas históricas de uma sociedade patriarcal. Durante muito tempo, as mulheres eram frequentemente excluídas das esferas de poder, cultura e educação, o que se reflete em certas expressões e estruturas da língua, principalmente relacionadas a ocupações, cargos e títulos.

O termo *poète* por muito tempo foi usado apenas para representar os homens, mas é importante considerar que nas últimas décadas tem havido um crescente movimento para uma *feminização* da língua francesa, com o objetivo de inserir o gênero feminino nessas áreas. Um exemplo disso está na utilização do termo *professeure* (professora) em vez de *professeur*, ou o uso de *auteure* em vez de *auteur* para uma mulher autora. Isso se deve muito, pensamos, aos esforços das feministas canadenses e do exemplo que a administração quebequense dá sobre a inserção de substantivos femininos para designar as mais diversas atividades exercidas por mulheres.¹⁷

Nesse contexto, foi observado que o emprego do artigo masculino *le*, como salientado acima, para acompanhar o substantivo *poète*, evidencia o termo masculino como universal, reforçando também que esse lugar é essencialmente masculino, e que a mulher não se investe de uma posição de poder quanto a esse título.

Aproveitando para fins de comparação, “*Christine de Pizan et l’orateur au féminin au XV^e siècle*”, de Estelle Doudet, é o segundo texto traduzido no projeto. Trata-se de um artigo que examina como Christine de Pizan, uma autora que se pode conceber como engajada, dissertou sobre o conceito de orador, tradicionalmente uma figura masculina, e como ela navegou pelas complexidades da escrita feminina em um panorama intelectual dominado por homens. O estudo destaca o apoio crucial de Christine de Pizan ao desenvolvimento de “uma era do orador” em francês, ao lado de personalidades como Philippe de Mézières e Jean

¹⁷ Consultar o site do Office Québécois de la langue française, órgão responsável pela promoção e proteção da língua francesa no território do Québec.

Gerson. Explora como Christine, ao mesmo tempo em que reconhecia a importância da retórica e da eloquência, analisou criticamente o modelo masculino tradicional do orador, especialmente em suas tendências misóginas.

Como a pesquisa de Doudet é mais recente e escrita por uma mulher, a experiência de tradução do artigo se mostrou diferente em alguns aspectos, especialmente ao buscar realizar uma tradução contemporânea, sensível ao gênero e alinhada com as práticas da tradução feminista. Enfatizamos, dessa forma, o que afirma Sherry Simon (1996), no que se refere ao encontro entre texto de partida e amparo teórico: quando ambos coadunam para um mesmo propósito, como é o caso da tradução de que falamos neste trabalho.

Tudo nessas práticas parece apontar para uma convivência deliberada e cooperação entre texto, autor/a e tradutor/a. Autor/a e tradutor/a operam num quadro de contemporaneidade, o seu trabalho envolvendo-se num diálogo de influência recíproca. A tradução feminista implica estender e desenvolver a intenção do texto original, não o deformar. É por isso que os exemplos mais bem sucedidos de tais práticas são encontrados em uma combinação adequada entre texto e projeto de tradução¹⁸.

A autora, Estelle Doudet, busca em todo o texto marcar o feminino para fazer referência a Christine, principalmente em relação aos títulos que dão a ela autoridade. Como exemplo mais importante, Doudet utiliza o feminino *auteure* em vários momentos e isso proporciona, não apenas ao leitor, mas à tradutora, sentir o peso do lugar de poder ocupado por essa mulher.

Em contrapartida, Doudet também utiliza a palavra *poétesse* como forma feminina para *poète*. O uso dessa forma de feminino vem sendo reabilitado aos poucos, mas ainda pode causar algum estranhamento. Muito disso se deve, poderíamos dizer, ao que o termo traz consigo, ou seja, um significado marginalizado pelos poetas franceses do século XIX, tão importante para a poesia de língua francesa, pois foi adotado como maneira de segregar as poetisas da época e mantê-las em uma posição inferior aos grandes homens da poesia, como o poeta Charles Baudelaire, por exemplo, que foi um grande detrator das poetisas e autoras de seu século, referindo-se a elas com desprezo, como “ces sacrilèges pastiches de

¹⁸ “Everything in these practices seems to point to a willful collusion and cooperation between text, author and translator. Author and translator are operating in a frame of contemporaneity, their work engaging in a dialogue of reciprocal influence. Feminist translation implies extending and developing the intention of the original text, not deforming it. That is why the most successful examples of such practices are to be found in an appropriate match between text and translating project”. Sherry Simon, *Gender in Translation Cultural identity and the politics of transmission*. London and New York: Routledge, 1996, p. 15. Tradução nossa.

l'esprit male"¹⁹. Seria *poétesse* o melhor termo para titular as poetas, como no caso de Christine?

Ainda que o século XIX tenha sido bastante misógino com relação ao trabalho de suas poetas, é salutar recuperar o que Arthur Rimbaud, na *Lettre du Voyant*, a Paul Demeny, em 15 de maio de 1871, exclama:

Essas poetas permanecerão! Quando for aniquilada a servidão da mulher, quando ela viver para ela e por ela, o homem, até aqui abominável, - tendo-o dispensado, ela, ela será poeta também! A mulher encontrará o desconhecido! Seus mundos de ideias vão diferir dos nossos? – Ela encontrará coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas; nós as tomaremos e as compreenderemos²⁰.

Rimbaud emprega a palavra poeta, em sua forma comum de dois gêneros, já que *poétesse* poderia conotar algum despreço pelo trabalho feminino considerado menor, “ele não previu o cânone separado da ‘poesia feminina’ que obscureceria o escopo da criatividade individual das mulheres”²¹.

Para além dessas reflexões, é importante ressaltar que no Quebec há uma forte promoção da feminização da língua francesa e é possível encontrar essas mudanças oficializadas em dicionários mais recentes. Já na França, ainda há uma resistência quanto a essas mudanças, muito embora seja possível encontrar algumas diferenças, principalmente em contextos informais. Isso se deve principalmente à atuação da *Académie Française*, fundada no século XVII, que se mostra bastante conservadora e refratária ao uso e à criação dos femininos para inúmeras atividades, alegando se tratar de oposição às “regras comuns de derivação da língua, constituindo-se verdadeiros barbarismos”²².

Para demonstrar de forma mais clara, estabelecemos o quadro abaixo com alguns termos usados pelos dois autores dos artigos e nossa proposta de tradução lado a lado.

¹⁹ Charles Baudelaire, *Œuvres complètes*, 1869, p. 339.

²⁰ « Ces poètes seront ! Quand sera brisé l'infini servage de la femme, quand elle vivra pour elle et par elle, l'homme, jusqu'ici abominable, — lui ayant donné son renvoi, elle sera poète, elle aussi ! La femme trouvera de l'inconnu ! Ses mondes d'idées différeront-ils des nôtres ? — Elle trouvera des choses étranges, insondables, repoussantes, délicieuses ; nous les prendrons, nous les comprendrons ». Arthur Rimbaud, *Correspondances*, 1929, p. 60. Tradução nossa.

²¹ “He did not envisage the separate canon of “feminine poetry” that would obscure the scope of individual women’s creativity”. Adrianna M. Paliyenko, *Genius Envy: Women Shaping French Poetic History, 1801–1900*, 2016, p. 49. Tradução nossa.

²² Ver, por exemplo, a nota da *Académie Française* sobre uma polêmica envolvendo deputados da Assembleia Nacional, em que o uso do feminino *presidente(e)* em francês levantou os ânimos dos envolvidos. Nela o órgão diz rejeitar « un esprit de système qui tend à imposer, parfois contre le vœu des intéressées, des formes telles que *professeure, recteure, sapeuse-pomprière, auteure, ingénieure, procureure*, etc., pour ne rien dire de *chercheure*, qui sont contraires aux règles ordinaires de dérivation et constituant de véritables barbarismes ».

Laidlaw	Nossa tradução	Doudet	Nossa tradução
le poète	a poeta	la poétesse	a poeta
un poète	uma poeta	l'auteur (10 ocorrências)	a autora
le poète elle-même	a própria poeta	une/cette auteur	uma/essa autora
au poète	à poeta	femme écrivain	escritora
		orateur au féminin	orador no feminino
		elle-même oratrice	ela mesma oradora

O quadro comparativo apresenta diferentes estratégias de tradução para termos referentes a Christine de Pizan empregados pelos dois autores. Com ele, gostaríamos de salientar as diversas ocorrências nos textos de partida, contrastando as escolhas de Laidlaw e Doudet com as nossas propostas de tradução. Ao colocar a tradução e os termos de partida lado a lado, é possível fazer uma análise que revela questões relevantes sobre gênero gramatical, neutralidade linguística e representação feminina na tradução, através do uso da língua, que passa a ser, para além da transposição linguística, parte de um projeto que prioriza as decisões que evitam o apagamento do feminino.

Assim, se no francês, há uma tendência crescente de feminizar termos tradicionalmente masculinos (le poète → la poétesse; l'auteur → l'auteur). Por outro lado, em português, a tradução opta por *a poeta* (em vez de *a poetisa*, que possui conotações arcaicas) e *a autora*, seguindo a norma culta contemporânea. Dessa forma, a escolha por *poeta* no feminino reflete uma utilização do termo que confere à autora legitimidade na arte da poesia, evitando o sufixo *-isa*, que pode ser visto como diminutivo.

Enquanto Doudet emprega *l'auteur* em dez ocorrências, a tradução opta sistematicamente por *a autora*, mantendo consistência. Já *femme écrivain* (literalmente: mulher escritora) é traduzido simplesmente como *escritora*, eliminando a necessidade de marcar, com o uso do substantivo mulher, como aparece no original francês e assumindo o gênero feminino do termo em português de forma mais direta.

Expressões como *elle-même oratrice* (ela mesma oradora) e *orateur au féminin* (orador no feminino) destacam a preocupação da autora do artigo em marcar o feminino explicitamente. A tradução preserva essa marcação, mas sem artificialismos, optando por formas já consolidadas no português, como *oradora*,

ela mesma oradora. Alguns termos presentes em Doudet não têm correspondência em Laidlaw, o que indica, obviamente, diferenças de corpus e ênfase temática. A tradução, no entanto, preenche essas lacunas de forma natural, sem recorrer a neologismos forçados.

Por conseguinte, as escolhas tradutórias refletem um equilíbrio entre escrita correspondente à do original e adaptação às convenções do português, priorizando a clareza e a naturalidade, sem deixar de dar uma boa visibilidade ao feminino nos textos. É o que mostra nossa opção por termos como *poeta*, *escritora* e *autora* no feminino para demonstrar sensibilidade às discussões contemporâneas sobre linguagem inclusiva, sem abandonar a fluidez da língua de chegada. Este quadro, ainda que breve e bastante simplificado, nos serviu como base para reflexões mais amplas sobre tradução, gênero e correspondência lexical, foram tais hipóteses que buscamos colocar neste artigo.

Os estudos mostram que, em alguns dicionários de língua francesa²³, o valor dado ao termo *poétesse* tende a ser pejorativo e tirar o papel de autoridade e de prestígio das mulheres no campo das Letras, e por isso algumas autoras preferem ser chamadas de poetas. É uma forma de afirmar a igualdade na autoria da poética, independentemente do gênero. A crítica principal é que, ao marcar o feminino, algumas palavras podem reforçar uma visão de que o trabalho feito por essas mulheres é diferente ou até mesmo inferior ao trabalho feito por homens.

O mesmo dilema acontece com a marcação de gênero para as palavras poeta e poetisa na língua portuguesa. Muitas autoras acreditam que esse tipo de diferenciação carrega consigo uma desvalorização da arte produzida por mulheres, afinal o substantivo poeta pode ser comum de dois gêneros, mudando apenas o artigo que o precede para fazer esta distinção.

Tentando entender o que estaria em discussão com o uso de poetisa, podemos notar que, em sua formação, como diz o professor Milton Marques Júnior, membro da APL, Academia Paulista de Letras, a palavra poetisa é formada por derivação, como em língua francesa, aliás:

²³ Como exemplo, podemos citar o verbete *poétesse* do *Larousse Dictionnaire de Langue Française* que aponta apenas o uso de *femme-poète*, sem outras considerações; o verbete do *Petit Robert de la langue française*: « *femme poète. rem. Poétesse est considéré comme péj. On dira plutôt : Cette femme est une grande poète, parfois un grand poète* ». A observação salienta justamente o uso considerado pejorativo de *poétesse*, aconselhando o uso da locução nominal, mulher poeta. O *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* além de referendar o *Petit Robert*, explica que o sufixo *-esse*, para a construção do feminino em francês, designa “formations marginales ou marquées péjorativement”, sendo usado para a construção do feminino de algumas espécies animais.

No que diz respeito à palavra “poetisa”, não existe aí um feminino de “poeta”, mas uma palavra feminina que guarda uma relação semântica com uma palavra masculina, em cuja relação existe uma derivação e não uma flexão. Se atentarmos para o sistema da língua, o feminino de “poeta” deveria ser “poeta”. De que modo? Ora, a palavra “poeta”, no masculino, é constituída pelo radical “poet-” e pela vogal temática “-a”. Quando dizemos “a poeta”, poderíamos pensar que o “-a” se tornou, automática e inconscientemente, desinência de gênero. O sistema da língua portuguesa permite que se pense dessa maneira²⁴.

Tal processo reforça a ideia de que o emprego de poetisa seria muito mais uma decisão político-social e histórica do que linguística e que, hoje, optar por dizer que “tal mulher é uma grande poeta”, colabora com a valorização do trabalho dessa mulher. Com esse propósito, lembramos o que diz a filósofa norte-americana Andrea Nye, em *Teoria Feminista e as Filosofias do homem*:

As injustiças da estrutura semântica não podem ser tão facilmente remediadas. Um termo numa oposição, que devia ser simétrico, é assinalado como superior. A reforma linguística deveria restaurar a igualdade; se o termo masculino denotava poder, o mesmo devia acontecer com o feminino. Ou as mulheres devem ser **poetas**, ou **poetisa** devia ser revalorizado²⁵. (grifo da autora)

Para ajudar nesse processo de tomada de decisões quanto à tradução do texto, o tradutor ou a tradutora pode acessar, por exemplo, algumas opções propostas pela *Grammaire non sexiste de la langue française* de Lessard e Zaccour e empregar diversas estratégias para evitar os sexismos nas traduções, tendo a liberdade de adotar soluções tanto lexicais quanto sintáticas. Esse processo não impõe a mesma rigidez da gramática convencional, mas se preocupa em colocar em evidência a existência feminina em todos os espaços masculinizados.

A mulheres são apagadas pela língua francesa. Um número ainda maior de palavras femininas nada mais são do que o reflexo tosco, senão idêntico da forma masculina da mesma palavra. No plural, as formas femininas são substituídas pelo gênero masculino quando há um elemento do grupo que é masculino, mesmo que a maioria do grupo seja feminina. O primeiro objetivo avaliado se refere, portanto, ao potencial de reabilitação e de promoção das mulheres na língua. Trata-se de tornar visíveis, nos textos, as mulheres que compõem a metade da sociedade, antes de dar a aparência de uma homogeneidade masculina²⁶.

É importante salientar que ambos os autores que traduzimos para o projeto conferem a Pizan o mesmo valor, porém estão inseridos em contextos de

²⁴ Milton Marques Junior, “Poeta ou Poetisa?”, 2020.

²⁵ Andrea Nye, *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*, 1995, p. 211.

²⁶ « Les femmes sont effacées par la langue française. Un nombre encore trop grand de mots féminins n'est que le reflet bâclé, sinon identique, de la forme masculine du même mot. Au pluriel, les formes féminines sont remplacées par le genre masculin dès qu'il y a un élément du groupe qui est masculin, même si la majorité du groupe est féminin. Le premier objectif évalué concerne donc le potentiel de réhabilitation et de mise de l'avant des femmes dans la langue. Il s'agit de rendre visibles, dans les textes, les femmes qui composent la moitié de la société, plutôt que de donner l'apparence d'une homogénéité masculine ». Michaël Lessard e Suzanne Zaccour, *Grammaire non sexiste de la langue française*. Le masculin ne l'emporte plus !, 2017, p. 31-32. Tradução nossa.

produção diferentes. Laidlaw, inserido em um contexto mais conservador da língua francesa, tendo publicado “L’unité des *Cent Balades*” em 1994, e utilizado a gramática padrão com o gênero masculino universal. Já Doudet, inserida em um momento em que as mudanças quanto ao gênero feminino estavam mais fortes na academia, produziu seu artigo em 2019, sobre a mesma autora, mas utilizando uma outra perspectiva de gênero.

Com frequência, discute-se dentro dos estudos da tradução feminista, a dicotomia entre fidelidade e intervenção. Em algumas linhas teóricas dos Estudos da Tradução, a fidelidade ao texto de partida é bastante privilegiada, muitas vezes valorizando precisão literal ou semântica. Dessa forma, percebe-se que as pesquisadoras feministas, a quem recorremos em nosso trabalho, desafiam essa visão ao propor uma redefinição feminista da fidelidade, não como lealdade à letra do texto, mas como lealdade à sua intenção ideológica e ética, particularmente em obras feministas ou escritas por autoras mulheres.

4. Considerações finais

Como tradutora, a experiência de traduzir o texto “L’unité des *Cent Balades*” foi também um despertar para essas questões importantes de gênero e para nos familiarizar com as teorias de tradução feminista nascidas no Canadá na década de 80. Além disso, levantar reflexões como essas e optar por fazer uma tradução preocupada em visibilizar o sujeito feminino no texto, abre espaço para uma mudança fundamental quanto ao papel político e social da língua. Afinal, o masculino como gênero universal é uma casualidade da língua ou uma construção ideológica?

Desde o surgimento das primeiras manifestações literárias, a ideologia dominante se fez presente no meio letrado, não apenas no que tange à linguagem, mas também à ocupação dos espaços de autoria. Portanto, assumir um posicionamento no processo tradutório é uma responsabilidade inerente à tradução, pois ao não se posicionar, a tradutora ou o tradutor pode estar perpetuando os fenômenos construídos pelo patriarcado e estabelecendo manutenção da desigualdade nesses espaços.

A tradução feminista expandiu o campo dos estudos da tradução, incentivando as tradutoras e os tradutores a refletirem sobre como abordar os textos traduzidos de forma mais crítica e questionando seu papel político-social no meio literário. Esse processo é uma maneira de dar notoriedade ao trabalho

da tradutora, visto que a neutralidade idealizada em algumas correntes tradutórias invisibilizou os profissionais desse campo de forma reiterada.

Dessa forma, o que intentamos demonstrar neste estudo é que uma função possível da tradutora ou do tradutor seria reivindicar espaços historicamente marginalizados na produção literária, traduzindo de maneira crítica e fazendo o exercício da reflexão pela experiência. Tal trabalho deveria incluir os textos acadêmicos, como demonstramos aqui, considerando que esses materiais também podem veicular construções linguísticas de natureza misógina e ou ideológica.

Ao explorar a fecunda intersecção entre a Escrita feminina e os Estudos da tradução, tomando como objeto a tradução de textos acadêmicos sobre Christine de Pizan, buscamos alguns conceitos centrais das Teorias feministas da tradução e das reflexões de teóricos e pensadores sobre o ato tradutório. Quando analisamos de que forma a tradução de obras escritas por mulheres, ao longo da história, pode ser compreendida como um ato crítico, ou seja, uma forma de garantir a continuidade da vida do texto e uma experiência profundamente reflexiva, moldada e analisada pelas perspectivas feministas, propusemos nossas soluções tradutórias de modo a ilustrar e trazer ao debate que mesmo textos de especialidade podem ser veículos de posicionamentos político-ideológicos.

As teorias feministas da tradução, desde suas primeiras formulações, têm questionado as assimetrias de poder inerentes ao ato tradutório, frequentemente associadas às relações de gênero. Dessa forma, ao trazerem para o centro da discussão a identidade e a posição do/a tradutor/a, essas teorias iluminam como as escolhas tradutórias podem tanto perpetuar quanto subverter as representações de gênero presentes nos textos de partida. A tradução, sob essa perspectiva, não é um ato neutro, mas sim carregado de implicações ideológicas e culturais que afetam a recepção da escrita feminina em diferentes contextos, pois, mais especificamente, a tradutora pode se deparar com questões de identidade, representação e poder que fazem ecoar suas próprias experiências como mulher em um determinado contexto sociocultural.

A análise das escolhas tradutórias, portanto, pode revelar não apenas a interpretação do texto que se traduz, mas também a posição da tradutora em relação às questões de gênero e à sua própria prática tradutória. Além disso, a concepção de tradução como continuidade da vida do texto colabora

particularmente com a difusão da trajetória, muitas vezes precária, da produção literária feminina ao longo da história.

É dessa forma que a tradução pode ser o meio pelo qual obras escritas por mulheres, negligenciadas em seus contextos originais, encontram novos leitores e ganham nova relevância em outras culturas e épocas. Ao transpor barreiras geográficas, linguísticas, históricas e culturais, a tradução pode assegurar a sobrevivência do significado desses textos. Logo, a crítica, inerente ao ato tradutório, pode envolver a explicitação de vozes marginalizadas, a contestação de estereótipos de gênero e a valorização de experiências e perspectivas tradicionalmente silenciadas. A tradução, assim, contribui para a própria compreensão e reavaliação do texto a ser traduzido.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, Vol. 3. Paris : Calmann Lévy, 1869, p. 339.

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini; revisores Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo. 2ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BUENO, André da Silva; FORTES, Carolina Coelho; VELOSO, Wendel dos Reis. (Orgs.). *Gênero e Sexualidade na Idade Média*. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2024.

DOUDET, Stelle. Christine de Pizan et l'orateur au féminin au XVe siècle. *Fabula* /Les colloques, L'auctorialité féminine dans les fictions courtoises, des troubairitz à Christine de Pizan, 2019. Disponível em: <http://www.fabula.org/colloques/document6265.php>.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 2. Tradução de Maria de Fátima Patriarca. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DRUCIAK, Carmem L. A tradução como “continuidade da vida” das Cent Ballades de Christine de Pizan, *Revista Graphos*, Edição Especial 2025 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536 | e-ISSN 2763-9355, p. 24-38. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/73953>

FLOTOW, Luise von. “Tradução feminista: contextos, práticas e teorias”. Tradução de Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 41, n. 2, p. 492-511, mai./ago. [1991] 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e75949>. Acesso em: 18/01/2026.

FLOTOW, Luise von (org.). *Translating Women*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2011.

GREENE, Virginie, Le débat sur le *Roman de la Rose*, *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 14 spécial |, p. 297-311, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/crm/2586>. Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

LAIDLAW, James C. L'unité des *Cent Balades*. In: DE RENTIIS, Dina; ZIMMERMANN, Margarete. The city of scholars: New approaches to Christine de Pizan. European cultures, vol. 2. Berlin, New York: de Gruyter, 1994, p. 97-106.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 2 v.

LESSARD, Michaël; ZACCOUR, Suzanne. *Grammaire non sexiste de la langue française*. Le masculin ne l'emporte plus !. Paris : Syllepse, 2017.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. *Re-belle et Infidèle: la traduction comme pratique de réécriture au féminin*. Toronto: Women's Press, 1991.

MANESSE, Danièle; SIOUFFI, Gilles (dir.). Le féminin et le masculin dans la langue: l'écriture inclusive en question. Paris: ESF Sciences Humaines, 2019.

MARQUES JUNIOR, Milton. "Poeta ou Poetisa?" *Ambiente de Leitura Carlos Romero*, 19 out. 2020. Disponível em: <https://www.carlosromero.com.br/2020/10/poeta-ou-poetisa.html>.

NYE, Andrea. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

PALIYENKO, Adrianna M. *Genius Envy: Women Shaping French Poetic History, 1801–1900*. The Pennsylvania State University Press, 2016.

RIMBAUD, Arthur. *Correspondances*. Roger Gilbert-Lecomte (org.). Paris: Éditions des cahiers libres, 1929.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation Cultural identity and the politics of transmission*. London and New York: Routledge, 1996, p. 15.

VIENNOT, Éliane. *Non, le masculin ne l'emporte pas sur le féminin !: petite histoire des résistances de la langue française*. 2. ed. Paris: Éditions iXe, 2017.

Sitografia

Académie Française, La féminisation des noms des métiers. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/la-feminisation-des-noms-de-metiers-fonctions-grades-ou-titres-mise-au-point-de-lacademie>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Arlima, Archives de littérature du Moyen Âge, Christine de Pizan. Disponível em: https://www.arlima.net/ad/christine_de_pizan.html. Acesso em: 30 jan. 2026.

Enciclopédia on-line Occitanica, Women and Medieval Song. Disponível em: <https://womenandmedievalsong.ub.edu/en/divulgation/contents/trobairitz>). Acesso em: 27 abr. 2025.

Office Québécois de la langue française, Vitrine linguistique. Disponível em: <https://vitrinelinguistique.oqlf.gouv.qc.ca/banque-de-depannage-linguistique>. Acesso em : 28 abr 2025.